

Ensinamentos do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto para Educação em Agroecologia

Teachings from the Caldeirão da Santa Cruz do Deserto for Education in Agroecology

LIMA, Cícero Erivaldo de¹; BOMFIM, Luciano Sergio Ventin²; PACHECO, Jardel Luís Félix³; SILVA, Francisco Evanildo Simão da⁴; BARROS, Edonilce da Rocha⁵

¹PPGADT-UNEB; ² PPGADT-UNEB; ³PPGADT-UNEB; ⁴PPGADT-UNEB; ⁵PPGADT-UNEB

Resumo

Este trabalho apresenta um breve relato da história do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, sua importância e influência para as comunidades camponesas, no tocante às questões relacionadas a solidariedade e organização social. Busca-se correlacioná-las com as práticas de educação em agroecológica na condução de práticas do bem viver e na produção de alimentos em abundância para uma legítima segurança alimentar. As experiências de projetos interdisciplinares que envolvem o corpo docente em atividades trabalhadas com os alunos em sala de aula e em campo, abrangendo as disciplinas de história, geografia, português, artes, ensino religioso e ciências em quatro escolas, pertencentes à rede municipal do Ensino Fundamental II do Crato-CE, busca-se retratar os princípios e diretrizes da educação em agroecologia: vida, diversidade e complexidade. As atividades desenvolvidas nas escolas das famílias camponesas devem buscar o entendimento de uma educação em agroecologia que, a exemplo da comunidade do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, almeje o futuro de uma sociedade que seja capaz de estabelecer elos de prosperidade, marcados pelo comportamento de fortes laços de irmandade e sobrevivência em tempos de concentração dos recursos naturais e dos meios produtivos.

Palavras-chave: solidariedade; agroecologia; comunidade; organização.

Abstract

This job presents a brief account of the history of Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, its importance and influence for peasant communities, with regard to issues related to solidarity and social organization. The aim is to correlate them with agroecological education practices in conducting good living practices and in the production of food in abundance for legitimate food security. The experiences of interdisciplinary projects that involve the faculty in activities worked with students in the classroom and in the field, covering the disciplines of history, geography, Portuguese, arts, religious teaching and sciences in four schools, belonging to the municipal education network Fundamental II of Crato-CE, it seeks to portray the principles and guidelines of education in agroecology: life, diversity and complexity. The activities developed in the schools of peasant families must seek the understanding of an education in agroecology that, like the community of Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, aims at the future of a society that is capable of establishing links of cooperation, marked by the behavior of strong bonds of brotherhood and survival in times of concentration of natural resources and productive means.

Keywords: solidarity; agroecology; community; organization.

Introdução

As atividades de produção agrícola da comunidade histórica, Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, localizada no município do Crato, sul do Ceará, foram desenvolvidas pela liderança do Beato José Lourenço, um negro descendente de escravos ligado ao padre Cícero Romão Batista, que era aceito por toda a comunidade. Num momento em que os trabalhadores rurais migravam pelo sertão nordestino, precisavam de alguém que apontasse caminhos para a satisfação de suas necessidades básicas como indivíduos e como grupo (CORDEIRO, 2004). No final do século XIX e início do século XX, as estratégias adotadas nesse contexto se assemelhavam às práticas agroecológicas hoje desenvolvidas pelas famílias camponesas que experimentam diversas tecnologias populares e formações educativas de convivência com o Semiárido brasileiro.

Nesse sentido, o presente trabalho buscou analisar essa experiência histórica com atividades junto aos estudantes e professores, apresentando projetos interdisciplinares, abrangendo as disciplinas de história, geografia, português, artes, ensino religioso e ciências. Em uma perspectiva prática e científica com ênfase em quatro escolas, todas pertencentes à rede municipal do Ensino Fundamental II do Crato.

Diante dessa ideia, foi feito um recorte dos fatos e ações vivenciados por centenas de famílias camponesas que, com o lema “oração, fé e trabalho”, provaram que é possível, em plena aridez da caatinga, viver, produzir e aglutinar milhares de pessoas na produção agrícola por meio da convivência, da organização produtiva e do cuidado com a terra e com a natureza do entorno, tornando-se referência para várias comunidades do Semiárido. Por fim, busca-se retratar os princípios e diretrizes da educação em agroecologia: vida, diversidade e complexidade, proporcionando uma reflexão da necessidade de envolver essas abordagens com diretrizes curriculares, vivenciando ações de uma educação para convivência com o Semiárido e as suas correlações teóricas e práticas.

Descrição e reflexão sobre a experiência

A comunidade histórica do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, no município do Crato, Estado do Ceará, foi criada no final dos anos de 1920, sob a liderança do Beato José Lourenço. Na época, essas terras pertenciam ao Padre Cícero Romão Batista, líder religioso venerado como santo do Sertão. O nome “Caldeirão” foi atribuído em função da existência de um riacho com poços grandes que se mantinham sempre cheios, mesmo nos períodos de estiagem.

A irmandade da Santa Cruz do Deserto aglutinou centenas de famílias camponesas advindas de vários estados do Nordeste em busca de alimentos e ajuda para viver. Motivada pelo fenômeno do Padre Cícero, que acolhia os retirantes, dando apoio e conselhos, entre os quais preceitos ecológicos (SOUSA; CARVALHO, 2012), a comunidade emerge em uma realidade sociopolítica e econômica conflituosa que fez do final do século XIX e início do século XX um patrimônio de grande significação histórica para o povo brasileiro.

Durante quase uma década, parte do povo era encaminhando para os cuidados do Beato que trabalhava a terra e repartia os frutos e o pão de forma solidária. A comunidade tornou-se uma verdadeira cidade ao partir do cuidado com os animais e com as pessoas. As condições do relevo local eram aproveitadas para a captação de água, mantendo as terras sempre férteis e produzindo de forma sustentável. Com a produção, os suprimentos alimentícios eram armazenados para todos (RAMOS, 2011), e os excedentes eram vendidos para compra do que não era produzido, guardados para alguma necessidade extra ou destinados a ações de caridade, como ocorreu com o socorro dado às vítimas de 1932. O dinheiro não circulava, porque existiam armazéns onde os produtos eram guardados e distribuídos de acordo com a necessidade de cada um (SILVA; ALENCAR, 2009). O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto destaca-se na história cearense por suas características peculiares de organização, que fizeram nascer no interior do Nordeste uma comunidade onde a vida dos moradores tinha uma qualidade superior à de qualquer outro camponês que habitava a região no mesmo período.

A produção de artesanatos e outras pequenas peças de utensílios domésticos criava autonomia para a comunidade, tendo em vista que se produzia até mesmo tecido de algodão para a vestimenta das pessoas que faziam parte da irmandade (RAMOS, 2011). Roupas, sacos, redes, lençóis, toalhas e sacolas eram confeccionadas com tecidos produzidos em teares manuais. Certamente por motivos religiosos, as roupas costumavam ser tingidas de preto.

Essas práticas foram consideradas uma ameaça para os modelos de produção tradicionais da época, e não levou muito tempo para a elite latifundiária, o poder público e o próprio clero da Igreja Católica se unirem para ver o fim do Caldeirão e da experiência exitosa de vida em comum, proveniente da união das famílias camponesas em pleno Semiárido brasileiro (RAMOS, 2011). O Caldeirão representava um perigo à ordem, principalmente pela semelhança com Canudos, semelhança que, a rigor, não era grande, já que o Caldeirão tinha as suas especificidades. A intenção do governo era desorganizar a comunidade, não importando muito os meios.

Para essa finalidade, buscou-se a justificativa de que as terras do Caldeirão haviam sido deixadas de herança para a congregação Salesiana, que pleiteava a reintegração da posse,

o que gerou um massacre na desocupação (CORDEIRO, 2004). A comunidade teve seu fim a partir de setembro de 1936. Nesse ano, o Caldeirão foi tomado de assalto por forças policiais do Estado do Ceará, que o invadiram e destruíram.

Figura 1: Sobreviventes da comunidade do Caldeirão. (1937).



Fonte: <http://memorialdademocracia.com.br/card/comunidade-do-caldeirao-e-massacrada> (2015-2017).

Décadas se passaram e, diante da truculência e da violência empregada na desocupação, as vozes se calaram. A comunidade, contudo, permaneceu no imaginário do povo. Mobilizando famílias nas cidades próximas, os integrantes do Movimento Sindical de Trabalhadoras e Trabalhadores Rurais e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) ocuparam o Caldeirão em 1991. Gerando a mesma reação ocorrida na década de 1930, a elite agrária local reivindicou a reintegração de posse e, sem o emprego da violência, como aconteceu naquele momento, as famílias ocupantes foram assentadas em outra área de terra próxima, chamada Fazenda Gerais, que posteriormente passou a se chamar Assentamento 10 de Abril.

Nos anos de 2000, a comunidade foi tombada pelo município, por meio de um projeto do Estado. Nos dias atuais, todos os anos acontece uma romaria organizada pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEB) e pela Pastoral da Terra (CPT) da Diocese do Crato. O local da histórica comunidade está sendo projetado para ser um geossítio, ligado ao Geopark Araripe, órgão vinculado à Universidade Regional do Cariri (URCA).

O resgate da memória da comunidade é realizado nessas atividades religiosas, bem como em estudos e pesquisas científicas ou mesmo em vivências e aulas de campo promovidas por escolas e universidades. Foi por meio de estudos e pesquisas e do envolvimento nos movimentos sociais organizados que surgiu o interesse do autor pela temática deste trabalho,

assim como a iniciativa da pesquisa bibliográfica e a realização de observações e deduções a partir de visitas à comunidade.

Trazer essa temática para a educação em agroecologia é somar a um conjunto de estudos e pesquisas que já foram desenvolvidas por outros autores, envolvidos nas universidades locais, ao mesmo tempo em que vai proporcionar uma reflexão da necessidade dessas abordagens como diretrizes curriculares, com o propósito de construir uma educação para convivência com o Semiárido e as suas correlações teóricas e práticas.

Tendo em vista a relevância da história para a educação em agroecologia e para a abordagem dos conteúdos interdisciplinares, nas ações desenvolvidas nos projetos, optou-se pelo método indutivo, com atividades que passaram pelo conteúdo formal na disciplina história, contemplando o componente curricular que estuda os movimentos sociais no Nordeste. Para tanto, foi exibido para os alunos o documentário *O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto*, do cineasta Rosenberg Cariri, no qual é apresentada toda a história da comunidade por meio de depoimentos, ilustrações e declamações de poemas de artistas locais, tais como Patativa do Assaré, a dança dos irmãos Aniceto, repentistas e emboladores.

Durante as aulas de geografia, também foram feitos debates e questionamentos com contrapontos aos depoimentos exibidos no documentário, tendo em vista as práticas agroecológicas observadas no filme e a familiaridade com a história. A categoria de análise “lugar”, oriunda do campo da geografia, foi relacionada com a dimensão do afeto estabelecido pelos habitantes da comunidade com o sentimento de pertencimento a um grupo e suas relações internas. No lugar, nosso próximo, se superpõem, dialeticamente, o eixo das sucessões, que transmite os tempos externos das escalas superiores e o eixo dos tempos internos, que é o eixo das coexistências, onde tudo se funde, enlaçando definitivamente, as noções e as realidades de espaço e de tempo. (SANTOS, 2008).

Para culminância dos projetos, eram realizadas aulas de campo com visitas à comunidade. Durante essa atividade, percebeu-se, na estrutura do relevo do Caldeirão, que as práticas agroecológicas foram desenvolvidas naquele local levando em consideração os resquícios da forma como se captava a água durante a construção dos dois açudes. A água de chuva, acumulada lentamente, resulta na elevação do lençol freático que fica próximo ao sistema radicular das plantas, favorecendo o acesso a um solo com umidade mais adequada (MELO *et al.*, 2013). Esta técnica hoje é bastante utilizada por famílias camponesas para possibilitar a potencialização das áreas com produção agroecológica.

Outra percepção foi a de que o plantio é realizado por meio de trincheiras ou valetas de contenção, o que fertiliza os terrenos acidentados, evitando o processo erosivo nas áreas com

declive pluviométrico. Tal tecnologia, além de democratizar o acesso à água, amplia a malha hídrica difusa e ajuda na garantia da segurança alimentar e nutricional das famílias, apresentando grande potencial para assegurar a água e permitir uma maior produção de forragem para os animais (MDS, 2017). Nesse sentido, algumas das iniciativas da antiga comunidade se espalharam pelo Semiárido e, atualmente, devem estar sendo reunidas através da organização das famílias de camponeses, do movimento sindical das trabalhadoras e trabalhadores rurais e, principalmente, pela Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA), formada por mais de três mil organizações da sociedade civil organizada de distintas naturezas.

A organização da produção e o cultivo e manutenção das sementes tradicionais se dava de forma a garantir o fortalecimento da perpetuação de espécies nativas sem a dependência de sementes modificadas, como ocorre atualmente, quando as famílias dependem de programas do governo para poderem iniciar seus plantios, descaracterizando as crenças de quando se deve colocar as sementes no chão, tradicionalmente após as primeiras chuvas e com o preparo da terra.

Dentre as questões descritas, a que mais deve ser levada em conta é o exemplo de união e força dentro de uma cultura do bem viver e da defesa do desenvolvimento comunitário das famílias envolvidas. As regras estabelecidas pelo líder da comunidade visavam o desestímulo à individualidade e ao consumismo sem controle, com desprezo aos vícios que ameaçassem os seus componentes. Com essa concepção de vida, foi possível garantir abundância, equilíbrio com a natureza e características similares às vividas pelas comunidades dos primeiros cristãos.

Diálogo com os princípios e diretrizes da educação em agroecologia

As escolas trabalhadas atendem, em sua clientela discente, filhos das famílias camponesas que trabalham na produção agrícola. A história de resistência e organização objetivava despertar nos educandos a necessidade de se construir uma vida diferente da que se tem vivido, no entendimento de que, na maioria das vezes, os problemas estruturais da falta de alimentos não são provocados por fenômenos naturais, mas pelas estruturas dominantes que não levam em consideração uma relação de retribuição e afeto com a natureza e os demais seres, fortalecendo os laços de vida e da diversidade, princípios norteadores da educação em agroecologia.

Entre as questões impulsionadas na condução da experiência aqui descrita, está o princípio da vida, defendido por um povo que buscou, na construção do trabalho coletivo, formas de sobreviver em sintonia com a espiritualidade, a comunhão do fruto do trabalho e a partilha de todos os bens produzidos. Produzir alimento em abundância, com o uso da natureza

de forma harmoniosa e a promoção da paz entre as famílias camponesas eram suas diretrizes principais. Nesses anos de existência do Caldeirão, era comum a morte de milhares de pessoas que não tinham o que comer em toda a região do Semiárido.

Na Escola Rosa Ferreira de Macedo, no distrito do Baixio das Palmeiras, no município do Crato, o projeto intitulado “O Caldeirão do Beato José Lourenço (Negritude e resistência pela vida no Sertão)” formaliza em seus objetivos como sendo uma história memorável em que o povo negro resiste e busca sobreviver, tanto no aspecto econômico estrutural como no social, pela busca da igualdade de direitos e de vida da população afrodescendente, semelhante a outras histórias de vida do povo negro do Semiárido brasileiro, como ocorrido em Palmares, em Alagoas, e em Canudos, na Bahia. O projeto incluiu oficinas de produção de instrumentos, danças folclóricas, aula de campo, entre outras atividades que se enquadram no princípio da diversidade em educação em agroecologia.

Na Escola Antônio José Soares, na sede do distrito do Monte Alverne, propondo-se a valorizar a vizinha comunidade histórica, foi desenvolvido e idealizado pelo núcleo gestor e planejado com todas/os as/os professoras/es da escola um projeto na semana de arte e cultura que envolveu todas as disciplinas do Ensino Fundamental I e II e buscou resgatar a história e a vida da comunidade do Caldeirão, indicando o princípio agroecológico da complexidade. Nessas atividades, valorizaram-se os aspectos culturais, a vivência comum e as manifestações religiosas, tendo em vista a influência de uma igreja católica popular, difundida e estimulada pelo Padre Cícero e levada a cabo pelo Beato José Lourenço, fortalecendo o pensamento da máxima defendida por ele: “fé, oração e trabalho”.

Já nas escolas Pedro Morais e São Francisco, houve empenho no projeto envolvendo as disciplinas de geografia, história, português e ensino religioso no nono ano do Ensino Fundamental. O objetivo era observar, na história, as contribuições do Caldeirão para o conceito de solidariedade, tendo em vista que os habitantes da comunidade retiravam da natureza o sustento necessário para viver de forma coletiva e determinavam nas relações de produção a partilha do pão, sem o uso do dinheiro e de acumulações individuais, mantendo a forte ideia de colocar em prática a frase: “tudo é de todos”.

Considerações finais

No período de existência do Caldeirão, o Estado deveria ter marcado presença na comunidade para oferecer assistência e estimular outros agrupamentos a seguir o mesmo exemplo. No entanto, ao contrário, veio com toda força, sem justificativas, destruí-la, sem aceitar questionamentos que pudessem impedir.

As práticas agroecológicas trabalhadas foram instrumentos de uma construção coletiva do bem viver. Foram bases firmes na consolidação das ações de uma sociedade que eclodiu e valorizou o fazer coletivo com o intuito de promover a emancipação do povo que sofreu para garantir as condições básicas da vida: educação, saúde, segurança, alimentação digna, moradia, cultura e lazer.

Nesse sentido, as atividades desenvolvidas nas escolas das famílias camponesas devem buscar o entendimento de uma educação em agroecologia que, a exemplo da comunidade do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, almeje o futuro de uma sociedade que seja capaz de estabelecer elos de prosperidade, marcados pelo comportamento de fortes laços de irmandade e sobrevivência em tempos de concentração dos recursos naturais e dos meios produtivos.

Referências

- BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Social. **Modelo da Tecnologia Social de Acesso à Água Nº 04 Barreiro Trincheira Familiar**. Brasília-DF. MDS, 2017. p.9 Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/arquivo/seguranca_alimentar/cisternas_marcolegal/tecnologias_sociais/2017/BTF_IOESAN_N_10_06092017_BARREIRO_ANEXO.pdf. Acesso em: 10 maio. 2023.
- CORDEIRO, Domingos Sávio de. **Caldeirão dos Mitos**, Cadernos de Ciências Sociais da Universidade Regional do Cariri, Tendências – V.2 n.1 Crato: (jul. /2004), 2004, p.45.
- CORDEIRO, Domingos Sávio de. **Um Beato Líder: Narrativas Memoráveis do Caldeirão**. Fortaleza: Editora da UFC, 2004.
- MELO, R.F. et al, **Barragem Subterrânea: Tecnologia para Armazenamento de Água e Produção de Alimentos**. Petrolina, 2013. p.2 (Embrapa Circular Técnica On line 04). Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/93400/1/CTE104.pdf>. Acesso em: 08 maio. 2023.
- RAMOS, Francisco Régis Lopes. **Caldeirão: estudo histórico sobre o Beato José Lourenço e suas comunidades**. 2ª ed. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar. NUDOC/UFC, 2011.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoções**. 4.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. p.322.
- SILVA, Judson Jorge da. ALENCAR, Francisco Amaro Gomes de. **Do Sonho à Devastação, Onde Tudo se (Re) Constroi: Experiências e Memórias nas Lutas por Terra da Região do Cariri-CE**. Revista NERA Presidente Prudente Ano 12, nº. Jan.-jun./2009, 14 pp. 125-141.
- SOUSA, C.C.de. CARVALHO, L.V. **Caldeirão: Saberes e práticas educacionais**. Fortaleza: Edições UFC, 2012.p 36.